



A alegoria do diabo como crítica irônica ao capitalismo na obra de Machado de Assis

The devil's allegory as an ironic criticism of capitalism in the work of Machado de Assis

Alessandro Gomes Enoque*

Resumo: Entre os diversos percursos analíticos relativos à obra de Machado de Assis, um dos que mais parece chamar a atenção é aquele que busca aproximações entre os discursos literário e religioso (Cantarela, 2015; Alves; Oliveira; Ivan, 2014; Maia, 2015; Silva, 2016; Proença, 2010; Nova, 1992; Schmidt; Silva, 1978; Brum, 2009). Nesse sentido, para Cantarela (2015), existiriam pelo menos três modelos de leitura do diálogo entre religião e literatura, quais sejam: (a) o modelo dialógico da literatura comparada (caracterizado pela busca de traços de intertextualidade entre a Bíblia e outras obras canonizadas pelas tradições religiosas com a literatura); (b) o modelo dialógico teorizado (caracterizado pela busca de justificativas teóricas para o diálogo entre religião e literatura); e, por fim, o (c) modelo dialógico temático (que compreende que a interlocução entre o discurso teológico e o literário pode ser construída a partir de elementos do mundo vivido e com foco em variados temas). Para fins específicos deste artigo, optamos por um modelo analítico que compreenda tanto o dialógico de literatura comparada quanto o dialógico temático. Seguimos esse caminho, já que o nosso objetivo consiste, fundamentalmente, em analisar, nos contos machadianos *A Igreja do Diabo* e *Sermão do Diabo*, a forma como o autor faz uma crítica social irônica ao capitalismo brasileiro de fins do século XIX e início do século XX. É importante destacar que, embora haja obras que tenham a temática da crítica social como um elemento central (Couto, 2016; Bosí, 2004), nenhuma delas parte da alegoria do Diabo.

Palavras-chave: Machado de Assis. *A Igreja do Diabo*. *Sermão do Diabo*. Capitalismo. Ironia.

Abstract: Among the various analytical paths related to the work of Machado de Assis, one that seems to draw the most attention is the one that seeks approximations between literary and religious discourses (Cantarela, 2015; Alves; Oliveira; Ivan, 2014; Maia, 2015; Silva, 2016; Proença, 2010; Nova, 1992; Schmidt; Silva, 1978; Brum, 2009). In this sense, for Cantarela (2015), there are at least three models of reading the dialogue between religion and literature, namely: (a) the dialogic model of comparative literature (characterized by the search for traces of intertextuality between the Bible and other canonized works by religious traditions with literature); (b) the theorized dialogic model (characterized by the search for theoretical justifications for the dialogue between religion and literature); and, finally, the (c) thematic dialogic model (understands that the interlocution between the theological and literary discourse can be constructed from elements of the lived world and focusing on various themes). For the specific purposes of this article, we opted for an analytical model that includes both the comparative literature dialogic and the thematic dialogic. We followed this path since our objective consists, fundamentally, in analyzing, in Machado's short stories *A Igreja do Diabo* and *Sermão do Diabo*, the way in which the author makes an ironic social critique of Brazilian capitalism at the end of the nineteenth and early twentieth centuries. It is important to highlight that, although some works have the theme of social criticism as a central element (Couto, 2016; Bosí, 2004), none are based on the allegory of the devil.

Keywords: Machado de Assis. *A Igreja do Diabo*. *Sermão do Diabo*. Capitalismo. Irony.

* Professor Associado e Professor do PPG em Geografia do Pontal da UFU (Uberlândia-MG). Doutor em Ciências Humanas (UFMG, Belo Horizonte-MG). ORCID: 0000-0002-1766-0684. Contato: alessandroenoque@gmail.com

Introdução

Nas primeiras frases do conto *Uma carta*, publicado originalmente em 15 de dezembro de 1884 no jornal *A Estação*, Joaquim Maria Machado de Assis narra, em poucas palavras, a traiçoeira correspondência amorosa recebida pela pobre Celestina. Nela, seu admirador secreto pede perdão a seu anjo adorado pela audácia cometida. Da mesma forma, pedimos ao leitor deste artigo o perdão e a licença necessárias para tratar (de forma audaciosa) temas tão labirínticos a partir do olhar de um dos maiores escritores brasileiros.

É fato que Machado de Assis narrou, genialmente, ao longo de toda a sua vida, as complexidades da sociedade brasileira do século XIX. Em seus romances, crônicas, contos e poesias, Machado trata de temas tão diversos que vão desde o amor não correspondido até releituras do texto religioso católico. Não é objetivo do presente artigo, no entanto, uma discussão pormenorizada ou até mesmo completa da obra machadiana. Cremos, sinceramente, que tal empreendimento, aliás, seria um trabalho sisífico que duraria bem mais que cem vidas.

O que nos propomos a fazer, aqui, consiste em estabelecer um breve diálogo entre a literatura machadiana e as temáticas da religião, do diabo e do capitalismo à luz de dois textos do autor, quais sejam, *A Igreja do Diabo* e o *Sermão do Diabo*. Separados no tempo por um período de publicação de oito anos (1884 e 1892), os dois textos foram escolhidos, para fins deste artigo, a partir de sua temática principal: a alegoria do Diabo. Não é que tais contos não tenham sido anteriormente trabalhados por diversos pesquisadores. Ao contrário, eles foram objeto de análise de uma série de estudos (Schmidt; Silva, 1978; Alves; Oliveira; Ivan, 2014; Maia, 2015; Nova, 1992). Há que se destacar, no entanto, que a audácia proposta, no âmbito deste artigo, consiste em lê-los a partir de uma ótica completamente diferente. Neste sentido, o escopo principal deste trabalho consiste em analisar esses dois textos a partir da ótica da crítica (irônica) machadiana à desigualdade social provocada pelo capitalismo brasileiro em fins do século XIX, metaforizada, pelo autor, na figura do Diabo¹.

Feita esta breve introdução, destaca-se, por fim, que este artigo se encontra estruturado a partir das seguintes seções: Esboço de uma arqueologia do riso e do Diabo; os contos *A Igreja do Diabo* e o *Sermão do Diabo*; *O Riso, o Diabo e a Crítica Social* em Machado de Assis; *Considerações Finais*; e *Referências*.

Esboço de uma arqueologia do riso e do diabo

Em sua obra *História do Riso e do Escárnio*, Georges Minois (2003) afirma (ironicamente, é claro), que o riso seria um caso muito sério para ser deixado apenas para os cômicos. O autor defende, assim, que estudiosos das diversas áreas do conhecimento científico tenham o riso como temática principal de seus trabalhos, uma vez que o riso

1 É importante destacar que, embora haja obras que tenham a temática da crítica social como um elemento central (Couto, 2016; Bosí, 2004), nenhuma delas parte da alegoria do Diabo.

possui uma natureza multiforme, ambivalente e ambígua. Realizando uma profunda arqueologia do riso ao longo dos séculos, Minois (2003) apresenta, ao seu leitor, como esse comportamento tão tipicamente humano foi se transformando e ganhando, a depender do contexto histórico em que estivesse inserido, traços de agressividade, sarcástica, escárnio, entre outros tantos. Tomado pelas formas da ironia, do humor, do burlesco e do grotesco, o riso serviu, ao mesmo tempo, tanto para afirmar (e, portanto, legitimar o *status quo*) quanto para subverter a ordem social.

No que diz respeito à relação do riso com o cristianismo, Minois (2003) aponta que essa relação sempre foi bastante complexa. De acordo com o autor, entre os primeiros cristãos o riso era considerado como algo diabólico, uma vez que havia, naquele tempo, uma marcante mentalidade de natureza apocalíptica. Assim, extremamente discreto no Antigo Testamento, o Diabo aparece fortemente no papel de acusador e oponente e é mencionado diversas vezes no Novo Testamento. Dessa maneira, o riso, entre os pais da igreja, é absolutamente satânico, diabólico, infernal e ligado à decadência humana, e deveria, por isto, ser mantido sob severa vigilância.

A partir da Alta Idade Média, no entanto, a Igreja deparou-se com a impossibilidade de eliminar o riso da vida social e buscou assimilá-lo, sobretudo, a partir das festas. Nas palavras de Bakhtin (2010, p. 64), a seriedade da ideologia defendida pela igreja católica, naquele momento, trouxe, em contraponto, a necessidade de legalizar, fora de seus espaços e temporalidades habituais (cultos, ritos e cerimônias oficiais e canônicas), “[...] a alegria, o riso e a burla que deles haviam sido excluídos”. É dentro desse contexto que podem ser inseridas as diversas festas de conteúdo cômico, por exemplo, a festa dos loucos, do asno, o carnaval e os sermões burlescos, entre outras tantas manifestações do riso medieval. Para Minois (2003), esses momentos temporariamente tolerados pela Igreja seriam, por assim dizer, períodos de liberdade, igualdade e abundância que, embora “subversivos” tinham um claro papel de manutenção da dominação católica, sublimação do medo e fortalecimento da coesão social.

O riso do fim da Idade Média é marcado pela volta do Diabo. Como aponta Delumeau (2009), o período entre meados do século XIV e fins do século XVI é marcado, sobretudo, por uma série de desgraças e de medos que se acumularam na Europa e que povoaram o imaginário da população (epidemias, sublevações, guerras, fome, o fim dos tempos, a vinda do anticristo). É importante dizer que tais eventos marcaram profundamente o espírito do indivíduo medieval, a ponto de lhe incutir medo e um certo pessimismo geral quanto ao seu futuro. Mais que isso, eles quase sempre eram interpretados pela Igreja como sendo fruto de castigo ou da punição divina. Dessa maneira, o Diabo e seus agentes (feiticeiras, bruxas e judeus, entre outros tantos) seriam os grandes causadores da desgraça humana e deveriam, por isso, ser perseguidos e eliminados. Minois (2003) destaca, sobre esse período, que o riso se transfigura em algo que busca suplantar ou, pelo menos, suportar os medos.

Os europeus do século XV tentam assegurar-se rindo muito. Diante do grande medo, o grande riso. E se esse riso é desbragado é porque, quanto mais alto e ruidoso, mais ele pode afugentar os maus espíritos, sufocar os rumores atemorizantes, fazer esquecer – durante uma gargalhada – os perigos que ameaçam. [...] O sagrado não é poupado. Ao contrário, há um prazer maligno, como nas fábulas, em rir dos monges dissolutos, em ridicularizar crenças populares, como o culto das relíquias [...] (Minois, 2003, p. 243).

Ainda de acordo com o autor, a humanidade, nesse momento histórico, ri não somente do sagrado, mas, também, do próprio Diabo e do Inferno. Não que o mal não seja levado a sério, mas a sociedade encena uma peça tragicômica em que o espectador ri do pobre-diabo, visto como um “[...] bode expiatório e vítima de um Deus cuja justiça parece tão contestável” (Minois, 2003, p. 245). Ri-se, também, nas palavras de Delumeau (2009), dos assim chamados agentes de Satã, quais sejam, os judeus e as feiticeiras. Há, por assim dizer, uma associação entre o riso-diabo-exclusão que se configura como uma linha de defesa da cultura popular do Ocidente.

Nas farsas e nos mistérios, os judeus, associados ao diabo, são ridicularizados com ele. Assim, em Paixão de Asfeld, a dança diabólica é a Judden dancz; Cristo é vítima de um complô judaico-diabólico, e as anotações cênicas indicam: “Enquanto isso, os judeus e os diabos dançam” e: “No fim do canto, os judeus bebem ao culto do bezerro e comem o cordeiro”. É um riso agressivo, de exclusão, que combina com os pogrons (Minois, 2003, p. 250).

A partir do século XVI, o riso, de acordo com Minois (2003), torna-se suspeito, a marca do ser decaído e deve, por isso, ser banido das altas esferas da cultura e da espiritualidade. Essa “nova espiritualidade” austera, que condena a derrição, acaba por deslocar o riso para o polo oposto da oposição. Assim, ele passa a ser associado a uma dimensão crítica, de escárnio, de zombaria, tornando-se ácido e assumindo uma posição subversiva e de resistência no plano social (Pereira, 1998).

Entre as diversas formas de resistência satírica constituídas a partir daí, chamamos a atenção para o que Minois (2003) chama de “o riso antiburguês”. De acordo com o autor, o burguês torna-se, a partir do século XIX, o alvo predileto de todos os humoristas românticos e socialistas.

O riso romântico é o consolo do homem prisioneiro de um mundo que ele ama, apesar de tudo. O mundo é miséria, sofrimento, caos do qual não se pode escapar. Então, o riso protege contra a angústia, ao mesmo tempo que a expressa. Ele é alegria e protesto (Minois, 2003, p. 540).

Nas seções seguintes, buscaremos tratar da forma como o riso e a ironia encontram-se presentes na obra de Machado de Assis, especialmente no que diz respeito ao *corpus* desta pesquisa, quais sejam, os contos *A Igreja do Diabo* e o *Sermão do Diabo*. Particularmente, estamos interessados na forma como o autor realiza uma crítica irônica ao capitalismo brasileiro nascente em fins do século XIX a partir da alegoria do Diabo.

Os contos *A Igreja do Diabo* e o *Sermão do Diabo*

Originalmente, o conto *A Igreja do Diabo* foi publicado por Machado de Assis em uma coletânea intitulada *Histórias sem data* no ano de 1884 e é parte componente da denominada fase madura do autor. Nessa fase, marcada profundamente por um discurso ao mesmo tempo pessimista e irônico, Machado de Assis apresenta-se como um autor das contradições humanas que revela ao seu leitor um olhar profundo sobre as distâncias entre o ser e o parecer do ser humano do final do século XIX. A coletânea, composta de 18 contos e primeiramente publicada em jornais cariocas ao longo do ano de 1883 (*A*

Igreja do Diabo, O Lapso, Último Capítulo, Cantiga de Esponsais, Singular Concorrência, Galeria Póstuma, Capítulo dos Chapéus, Conto Alexandrino, Primas de Sapucaia, Uma Senhora, Anekdota Pecuniária, Fulano, A Segunda Via, Noite de Almirante, A Senhora do Galvão, Manuscrito de um Sacristão, Ex-Cathedra e As Academias de Sião), revela a genialidade de um dos maiores escritores brasileiros e o caráter atemporal de sua obra.

O conto *A Igreja do Diabo* apresenta-se dividido em quatro capítulos, quais sejam: *De uma Idéia Mirífica, Entre Deus e o Diabo, A Boa Nova aos Homens e Franjas e Franjas*. No primeiro capítulo, Machado de Assis narra, a partir do revelado em um “velho manuscrito beneditino”, que o Diabo, “humilhado pelo papel avulso que exercia desde séculos”, “teve a idéia de fundar uma igreja”. Em sua igreja, pautada, sobretudo, na negação dos valores e ritos católicos (“Escritura contra Escritura, breviário contra breviário”), o Diabo teria suas próprias regras de organização (“tereí a minha missa, com vinho e pão à farta, as minhas prédicas, bulas, novenas e todo o demais aparelho eclesiástico”) que culminaria em um certo monopólio do que poderíamos chamar de “antifé” (“[...] enquanto as outras religiões se combatem e se dividem, a minha igreja será única”). Assim, certo de sua decisão, o Diabo, já no fim do primeiro capítulo do conto, sobe aos céus com o intuito de comunicar e de desafiar o próprio Deus.

No segundo capítulo do conto, Machado de Assis apresenta um curioso diálogo de Deus com o Diabo acerca da decisão do último em fundar sua própria igreja. Cansado da desorganização, o Diabo, segundo o autor, informa a Deus acerca de sua intenção de “edificar uma hospedaria barata” com a qual alcançaria a “vitória final e completa”. Informa, ainda, a matéria, de acordo com Machado de Assis, pela lealdade que tem com Deus e para espantar o risco de ser acusado de dissimulação. Deus, buscando extrair mais informações do oponente, o acusa de somente vir aos céus para informá-lo sobre a decisão e não buscar qualquer tipo de legitimação. O Diabo, orgulhoso e ansioso pela escuta do “aplausos dos mestres” fala, mais uma vez a Deus, sobre a sua intenção de descer à Terra e lançar a pedra fundamental de sua igreja. Nesse sentido, certo da ambiguidade da condição humana, o Diabo afirma para Deus que mesmo aqueles que fundamentam suas vidas nas Escrituras Sagradas pecam e usufruem das delícias do profano (“as pupilas centelham de curiosidade e devoção entre o livro santo e o bigode do pecado”). Por fim, Deus, indignado e furioso, ordena ao seu inimigo que vá embora e funde a sua própria igreja.

No terceiro capítulo (*A boa nova aos homens*), Machado de Assis apresenta o momento da instauração da “Igreja do Diabo” na terra, bem como seus preceitos. Essa “nova e extraordinária” doutrina prometia aos seus fiéis “as delícias da terra, todas as glórias”, bem como os “deleites mais íntimos”. Negando as virtudes, o Diabo tratou de reabilitar os pecados capitais, afirmando, por exemplo, que a avareza, antes malvista pela humanidade, deveria ser considerada a “mãe da economia” e que a gula seria a grande inspiradora das “melhores páginas de Rabelais”. Além disso, deu à venalidade o status de “direito superior a todos os direitos” e proibiu a solidariedade e o amor ao próximo.

No quarto e último capítulo (*Franjas e franjas*), o Diabo vê que sua obra encontrou enorme aceitação entre os homens e que se difundiu enormemente pela Terra (“a doutrina propagava-se; não havia uma região do globo que não a conhecesse, uma língua que não a traduzisse, uma raça que não a amasse”). No entanto, após longos

anos, o Diabo passou a notar que seus fiéis passaram a praticar, furtivamente, as antigas virtudes (“certos glutões recolhiam-se a comer frugalmente três ou quatro vezes por ano, justamente em dias de preceito católico”, “muitos avaros davam esmolas”, entre outros). A descoberta, que “assombrou o Diabo”, foi sendo, assim, cada vez mais confirmada a partir de diversos exemplos nos mais diversos rincões da Terra. Por fim, o Diabo, “pasma”, “trêmulo de raiva” e “ansioso de conhecer a causa secreta de tão singular fenômeno”, voou de novo ao céu para pedir explicações para Deus. Deus, após ouvi-lo “com infinita complacência” e sem qualquer tipo de interrupção ou repreensão, pôs os olhos nele e disse: “Que queres tu? É a eterna contradição humana”. Eis o fim do conto.

O outro conto machadiano, que também compõe o *corpus* de nossa análise, é o intitulado *Sermão do Diabo*. Publicado, originalmente, na *Gazeta de Notícias* no dia 4 de setembro de 1892, o pequeno fragmento foi somente reunido no formato de livro no ano de 1900 (*Páginas Recolhidas*). Trata-se de um pequeno texto, no qual Machado de Assis apresenta o que viria a ser um “pedaço do evangelho do Diabo” e que, segundo ele, teria sido encontrado entre papéis velhos e que lhe parecia autêntico. Argumentando, a partir de Santo Agostinho, que “a igreja do Diabo imita a igreja de Deus”, o autor descreve a cena em que o Diabo sobe o monte Corcovado, seguido de uma grande multidão e, sentado, transmite a seus discípulos 28 preceitos. O texto finaliza com um pequeno parágrafo, no qual Machado de Assis afirma, sem muita certeza, de que o manuscrito foi trazido pelo próprio Diabo (“alto, magro, barbícula ao queixo, ar de Mefístoles”) e que, apesar de tudo, ele não responderia nem “pelo papel, nem pelas doutrinas, nem pelos erros de cópia”.

O riso, o diabo e a crítica social em Machado de Assis

De acordo com Candido (2011), uma das características fundamentais presentes nas obras de grandes autores seria a polivalência do verbo literário. No que diz respeito à obra de Joaquim Maria Machado de Assis, nascido em 21 de junho de 1839 no Morro do Livramento e considerado um dos maiores nomes da literatura brasileira, essa obra é composta de uma enormidade de romances e contos produzidos, ininterruptamente, no período compreendido entre os seus 15 e 69 anos. Tendo em vista a impossibilidade óbvia de realização de uma análise que contemple toda a obra do autor, optamos, aqui, pela escolha de um *corpus* de análise específico que, nas palavras de Charaudeau (2011, p. 3), poderia ser compreendido como uma “[...] compilação de dados linguísticos sob a forma de textos escritos ou orais, de documentos diversos, de observações empíricas selecionadas ou de sondagens provocadas”.

No que tange ao conceito de conto, Soares (2004) afirma que ele se diferencia do romance e da novela não apenas pelo seu tamanho, mas, também, por suas características próprias, uma vez que, ao invés de representar o desenvolvimento ou corte na vida das personagens, o conto apareceria como uma amostragem, como um pequeno flagrante de um episódio singular e representativo. Em uma perspectiva complementar, Charaudeau (2019, p. 154) compreende o conto como a construção de “[...] um

universo de representação das ações humanas por meio de um duplo imaginário baseado em dois tipos de crenças que dizem respeito ao mundo, ao ser humano e à verdade”.

No caso deste artigo, portanto, optamos por trabalhar com dois contos específicos da obra machadiana (já descritos acima) que têm por temática principal a alegoria do Diabo. Convém destacar, no entanto, que, embora tais contos tenham sido objeto de análise de uma série de estudos (Schmidt; Silva, 1978; Alves; Oliveira; Ivan, 2014; Maia, 2015; Nova, 1992), eles não foram trabalhados a partir da ótica da crítica (irônica) machadiana à desigualdade social provocada pelo capitalismo brasileiro em fins do século XIX. Eis o escopo principal de nosso trabalho.

No primeiro capítulo do conto *A Igreja do Diabo*, o narrador faz alusão à ideia de que a história a ser descrita nas próximas páginas constaria em um “velho manuscrito beneditino”. Tal estratégia, também utilizada por Machado de Assis no *Sermão do Diabo*, parece ter, como uma de suas funções principais, atribuir à história que será contada um caráter mítico-religioso que a aproximaria, substancialmente, de uma certa “verdade”. Machado trabalha aqui, ainda, uma de suas problemáticas principais que foram apontadas por Candido (2011), qual seja, a relação entre o fato real e o fato imaginado. Nesse sentido, não seria possível dizer, a princípio e a partir da leitura superficial do conto, que a história é efetivamente verdadeira ou falsa, cabendo ao leitor a tomada de tal decisão. Esse jogo entre o verdadeiro e o falso (especialmente no que tange ao discurso religioso) parece revelar, ainda, um traço irônico da escrita machadiana que perpassaria todo o conto e seria, na perspectiva de Candido (2011), uma técnica empregada pelo autor na confecção de seus textos.

O capítulo, que trata, basicamente, da decisão do Diabo de fundar sua igreja, continua, e apresenta o Diabo como um ser humilhado, tendo um papel avulso, “[...] sem organização, sem regras, sem cânones, sem ritual, sem nada”, “embora os seus lucros fossem contínuos e grandes”. Convém destacar, aqui, a utilização, por parte do autor, de um termo que é normalmente associado ao universo capitalista (lucro) e que se encontra associado ao maligno. Dito de uma outra forma, haveria, por assim dizer, uma clara associação entre uma certa organização empresarial de cunho capitalista e o inferno, bem como do burguês como um ser diabólico. Tal análise parece encontrar respaldo em Candido (2011), uma vez que o autor defende que os mais terríveis e desagradáveis personagens machadianos são, fundamentalmente, “[...] homens de corte burguês impecável, perfeitamente entrosados nos mores da sua classe” (Candido, 2011, p. 31).

Há que se destacar, ainda, nesse primeiro capítulo do conto, a utilização de um duplo paródico (“Escritura contra Escritura, breviário contra breviário. Terei a minha missa, com vinho e pão à farta [...]”) que revela uma crítica social carregada da ironia machadiana. Ao afirmar que teria a sua própria missa “[...] com vinho e pão à farta”, Machado parece denunciar o fato de que a fome se configura como uma triste realidade presente na sociedade brasileira de fins do século XIX. O autor parece criticar, assim, ao mesmo tempo, tanto a desigualdade social provocada pelo capitalismo brasileiro quanto o próprio catolicismo em si. Nesse sentido, ganha importância a utilização, por parte do autor, da frase: “Há muitos modos de afirmar: há só um de negar tudo”. Quanto a esse ponto, concordo com Schmidt e Silva (1978, p. 55) de que há, nesse conto, uma “[...] negação de qualquer ordem estabelecida e a criação de um mundo

novo, às avessas, através de um contato livre e familiar que rebaixa o elemento sagrado e dá ao profano caráter solene”. É dentro dessa perspectiva, aliás, que, na última frase do capítulo I, o Diabo sacode a cabeça, estende os braços com um gesto magnífico e varonil, vai ter-se com Deus para comunicá-lo acerca da ideia e desafiá-lo (“com os olhos acesos de ódio e ásperos de vingança”).

No segundo capítulo do conto, um primeiro elemento chama a atenção. Diferentemente do disposto no imaginário cristão, no qual o Diabo encontra-se isolado e banido nas profundezas do inferno e sem qualquer diálogo com Deus, o texto machadiano traça uma clara intertextualidade com o Livro de Jó. Por meio dessa estratégia, o narrador inverte a lógica do imaginário, compreendido como “[...] forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais [...]” (Charaudeau, 2017, p. 578), e instaura, ironicamente, uma lógica de subversão da ordem estabelecida e dos cânones dominantes.

Seguindo o rastro do Diabo na Bíblia percebemos que sua presença inóspita no Antigo Testamento é rara. As únicas menções ou pistas que nos levam as prováveis expectativas de sua presença no Antigo Testamento se trata da serpente em Gênesis e em Levítico. No entanto, sua aparição mais evidente está no Livro de Jó, onde, segundo as escrituras, ‘os filhos de Deus’ apresentaram-se diante do Senhor e, com eles, Satã. A partir deste encontro, começa um diálogo que nos parece ainda mais surpreendente, por apresentar um grau de intimidade entre Deus e o Diabo, a ponto de fazer uma aposta colocando a prêmio tudo que cercava Jó, seu servo incondicional. Deus, então, permite que Satanás o destrua. Satã começa seu plano e destrói suas riquezas e sua família com a permissão de Deus. (Maia, 2015, p. 4)

Convém destacar, aqui, que se trata, como apontado por Candido (2011), de um Machado crítico de seu tempo que escreve com uma ironia fina, aguda e de espírito penetrante, delicada e forte ao mesmo tempo. Tal *finesse* não impede, no entanto, que Machado coloque, na boca do Diabo, no momento do conto em que um “ancião” acaba de chegar ao céu, uma crítica forte, áspera e mordaz direcionada ao próprio Deus e, por que não dizer à Igreja (com seus dízimos) e ao capital (em sua lógica imobiliária). Ele diz: “Não tarda muito que o céu fique semelhante a uma casa vazia, por causa do preço, que é alto. Vou edificar uma hospedaria barata: em duas palavras, vou fundar uma igreja”.

Em seguida, ao duvidar das virtudes do ancião que é defendido por Deus, Machado de Assis apresenta uma das temáticas fundamentais de sua obra, qual seja, a contradição da natureza humana. Aqui, o narrador, em uma encenação entre opostos, mostra que, ao mesmo tempo que os fiéis de Deus se ajoelham em seus pés nos templos do mundo, eles também pecam. Aqui, mais uma vez, a intertextualidade com o texto bíblico aparece.

O Senhor disse-lhe: “Notaste o meu servo Jó? Não há outro igual a ele na terra. É um homem íntegro e reto, temente a Deus e se mantém longe do mal”. Mas o Satanás respondeu ao Senhor: “É a troca de nada que Jó teme a Deus? Não cercaste, qual uma muralha, a sua pessoa, a sua casa e todos os seus bens? Abençoaste tudo quanto ele fez e seus rebanhos cobriram toda a região. Mas estende a tua mão e toca em tudo o que ele possui. Juro-te que te amaldiçoará na tua face”. “Pois bem!” – respondeu o Senhor. “Tudo o que ele possui está em teu poder. Mas não estendas a tua mão contra a sua pessoa”. E o Satanás saiu da presença do Senhor (Jó 1:8-12)

Ao final da fala do Diabo sobre a existência contraditória da natureza humana, ele diz: “Vou a negócios mais altos [...]”. Nota-se, aqui, mais uma vez, a utilização de um

termo eminentemente profano e do universo econômico por parte do Diabo. Haveria, assim, novamente, a utilização, por parte do Diabo, de um discurso do mundano, ou melhor, de um discurso empresarial ou burguês. Por fim, o capítulo II termina da mesma forma apresentada no Livro de Jó (como apontado acima), qual seja, “O Diabo sentiu, de repente, que se achava no ar; dobrou as asas, e, como um raio, caiu na terra”.

No capítulo III, o narrador conta que o Diabo desce para a terra para fundar a sua igreja e “espalhar a boa nova”. Schmidt e Silva (1978) destacam, quanto a esse ponto, que a expressão “boa nova” seria uma tradução literal do termo grego em que estaria calcada a palavra “evangelho”. Ainda de acordo com os autores, o termo pode ser encontrado nos livros do Novo Testamento, especialmente nas epístolas de São Paulo. O Evangelho do Diabo consiste, no entanto, no oposto de tudo aquilo que é apresentado pela Bíblia. De acordo com o narrador, o Diabo “[...] prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos”. Substituía, ainda, as virtudes aceitas por outras que ele considerava mais naturais e legítimas. Dessa maneira, os pecados capitais passaram a ser valorizados. Entre os sete, gostaríamos de chamar a atenção de apenas dois, os quais julgamos serem importantes para a análise presente no artigo. Ao enaltecer a avareza, por exemplo, Machado faz uma crítica contundente ao econômico, ao dizer que o Diabo a “[...] declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada”. Aqui, nesse trecho, Machado critica, fortemente, uma elite burguesa que “engorda” e que pilha os mais humildes que seriam metaforicamente, nas palavras do narrador, as filhas magras do capital. Esse ponto é particularmente interessante, uma vez que, de acordo com Candido (2011), um tema recorrente na obra machadiana é, exatamente este, qual seja,

[...] a transformação do homem em objeto do homem, que é uma das maldições ligadas à falta de liberdade verdadeira, econômica e espiritual. Este tema é um dos demônios familiares da sua obra, desde as formas atenuadas do simples egoísmo até os extremos do sadismo e da pilhagem monetária [...] Pela sua obra toda há um senso profundo, nada documentário, do status, do duelo dos salões, do movimento das camadas, da potência do dinheiro. O ganho, o lucro, o prestígio, a soberania do interesse são molas dos seus personagens [...] (Candido, 2011, p. 29-31).

Um outro pecado capital que merece ser destacado do texto e que possui uma forte afinidade eletiva com a temática da crítica social em Machado de Assis é o da inveja. No texto, o Diabo a apresenta como sendo “[...] a virtude principal, origem de propriedades infinitas; virtude preciosa, que chegava para suprir todas as outras, e ao próprio talento”.

É importante destacar, no entanto, a importância que o Evangelho do Diabo (e o próprio) dá, de acordo com o narrador, para a ideia de venalidade. De acordo com o narrador, o Diabo consideraria a venalidade como “[...] o exercício de um direito superior a todos os direitos”. Ele diz, ainda:

Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo ao outro

homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem?

Esse ponto, aliás, parece aproximar Machado de Assis de temáticas claramente marxistas, por exemplo, os conceitos de fetichismo da mercadoria, reificação e alienação. O ser humano, tornado objeto pelo advento do capitalismo, aparece de uma forma contundente no fragmento acima, levando o narrador a questionar, ironicamente e, por que não dizer, corajosamente, a potencial venalidade de sua própria fé.

Por fim, o capítulo III encerra-se com um apólogo do Diabo, no qual ele diz: “Cem pessoas tomam ações de um banco, para as operações comuns: mas cada acionista não cuida realmente senão nos seus dividendos: é o que acontece aos adúlteros. Este apólogo foi incluído no livro da sabedoria”. Convém destacar, aqui, a ligação que Machado faz entre o acionista (ou especulador da bolsa de valores) e um adúltero. O que parece ser uma possibilidade de análise desse fragmento é a ideia de que ambos (marido/especulador) não seriam fiéis aos seus pares (mulher/ações) e que poderiam, a qualquer momento, trocá-los como quaisquer objetos.

No capítulo IV (final) do conto *A Igreja do Diabo*, a narrativa termina. O Diabo, desconfiado de que seus fiéis não estavam cumprindo os seus preceitos, passa a segui-los. Assim, ele descobre que vários deles praticavam, ocultamente, as antigas virtudes. É importante destacar, aqui, nesse ponto, que Machado apresenta, nesse capítulo, alguns personagens que, antes, ainda não haviam aparecido no conto. Aparecem, assim, os “dilapidadores do erário”, os “fraudulentos”, os “falsificadores de documentos”, entre outros parasitas de uma sociedade capitalista em expansão. Por fim, como dito anteriormente, o Diabo compreende, “na prática”, finalmente, a contradição humana.

De acordo com Nova (1992, p. 181), em seu *Sermão do Diabo*, Machado de Assis “[...] trabalha com a semelhança, via diferença. Ou seja, a retórica é semelhante à do Evangelho e a argumentação é diferente, por ser contrária ao que é proposto pelo discurso cristão”. Ainda de acordo com a autora, o texto apresenta uma eloquência e um espírito analítico que demonstrariam as sutilezas e as ironias de Machado de Assis. Complementarmente, o texto, diabólico por definição, enfatizaria, segundo Nova (2006, p. 182), uma “[...] ética do momento machadiano, baseada em um projeto crítico da sociedade, quando a cena da época parecia ser dominada pelas ações propostas pelo Diabo”.

Embora, como dito anteriormente, o *Sermão do Diabo* seja composto de 28 preceitos e apresente uma diversidade de temáticas interessantes, para fins específicos deste artigo trabalharemos apenas com 11 deles:

7. Vós sois o sal do money market. E se o sal perder a força, com que outra coisa há de salgar?

11. Ouvistes que foi dito aos homens: Amai-vos uns aos outros. Pois eu digo-vos: Comei-vos uns aos outros; melhor é comer que ser comido; o lombo alheio é muito mais nutritivo que o próprio.

12. Também foi dito aos homens: Não matareis a vosso irmão, nem a vosso inimigo, para que não sejais castigados. Eu digo-vos que não é preciso matar a vosso irmão para ganhardes o reino da terra; basta arrancar-lhe a última camisa.

18. Não queirais guardar para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e a traça os consomem, e de onde os ladrões os tiram e levam.

19. Mas remetei os vossos tesouros para algum banco de Londres, onde a ferrugem, nem a traça os consomem, nem os ladrões os roubam, e onde ireis vê-los no dia do juízo.

20. Não vos fieis uns nos outros. Em verdade vos digo, que cada um de vós é capaz de comer o seu vizinho, e boa cara não quer dizer bom negócio.
21. Vendei gato por lebre, e concessões ordinárias por excelentes, a fim de que a terra se não despovoe das lebres, nem as más concessões pereçam nas vossas mãos.
23. Não tenhais medo às assembléias de acionistas, e afagai-as de preferência às simples comissões, porque as comissões amam a vanglória e as assembléias as boas palavras.
24. As porcentagens são as primeiras flores do capital; cortai-as logo, para que as outras flores brotem mais viçosas e lindas.
26. Deixai falar os acionistas prognósticos; uma vez aliviados, assinam de boa vontade.
27. Podeis excepcionalmente amar a um homem que vos arranjou um bom negócio; mas não até o ponto de o não deixar com as cartas na mão, se jogardes juntos.

Os preceitos apresentados no texto machadiano são uma clara alusão à passagem bíblica do *Sermão da Montanha*, em que Jesus fala à multidão sobre seus principais ensinamentos. O que parece haver no *Sermão do Diabo* é um espelhamento (ao contrário) daquilo que é ensinado por Jesus. Assim, ao invés de subir em uma montanha, como Jesus, o Diabo sobe o monte do Corcovado no Rio de Janeiro e fala ao povo. Há, aqui, evidentemente, uma clara crítica social da realidade brasileira de fins do século XIX e início do século XX.

No que diz respeito ao preceito 7, o texto bíblico original é o seguinte: “Vós sois o sal da terra. Se o sal perde o sabor, com que lhe será restituído o sabor? Para nada mais serve senão para ser lançado fora e calcado pelos homens”. Inicialmente, no texto machadiano, a “Terra” é substituída pelo “money market”. Podemos ver, aqui, que Machado realiza uma crítica profunda do momento histórico pelo qual o país (e, por que não dizer, o mundo) está passando. Haveria (e ainda há), nesse período, uma clara predominância de uma lógica de cunho econômico, em que o mercado financeiro seria o elemento terreno mais importante. Há, ainda, uma substituição do texto original em relação ao termo “sabor”. No texto machadiano, essa palavra é substituída por “força”. O que o autor parece apontar, aqui, é a ideia de que o trabalho (e não o capital) seria a verdadeira força que “salga” (que movimenta) o “money market”. Machado parece afirmar, assim, que, por trás do econômico e seus mercados de capitais, estaria escondida a verdadeira fonte da riqueza.

No preceito 11, o texto machadiano inverte, talvez, um dos mais importantes ensinamentos cristãos, qual seja, “[...] amai vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam, orai pelos que vos maltratam e perseguem”. Aqui, o autor, substitui o verbo “amar” pelo “comer”. Olhando esse preceito do *Sermão do Diabo* a partir de um olhar de natureza social, o texto machadiano parece realizar uma crítica a uma certa dinâmica concorrencial e competitiva que seria tão própria ao capitalismo. Não seria, por assim dizer, o “comer” em seu sentido literal, mas, sim, o subjugar, o vencer o inimigo (concorrente) ou o explorado (trabalhador). Tal análise (que também pode ser ampliada para o preceito de número 20) parece encontrar respaldo naquilo que Candido (2011, p. 29) aponta acerca da obra machadiana:

[...] é notória uma conotação mais ampla, que transcende a sátira e vê o homem como um ser devorador em cuja dinâmica a sobrevivência do mais forte é um episódio e um caso particular. Essa devoração geral e surda tende a transformar o homem em instrumento do homem [...].

No que diz respeito ao preceito 12 do *Sermão do Diabo*, Machado parece apontar sua pena crítica para a temática da exploração do trabalho e do conceito marxiano de mais-valia. Ao relacionarmos o preceito 7 (tratado anteriormente) com este, podemos ver que o reino da Terra tratado por Machado não é, exatamente, o do mundo, mas, sim, o que ele mesmo denominou como sendo o “money market”. Assim, dito de uma outra forma, o que o autor parece afirmar nesse ponto é que, para ser vitorioso no mercado, o capital não precisaria, necessariamente, matar o seu inimigo (trabalho), mas, sim, “[...] arrancar-lhe a última camisa”, ou seja, explorá-lo ao máximo até pauperizá-lo.

Os preceitos 18 e 19 do *Sermão do Diabo* fazem uma clara alusão a Mateus 6:19-20, que diz: “Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a ferrugem e as traças corroem, onde os ladrões furtam e roubam. Ajuntai para vós tesouros no céu, onde não os consomem nem as traças nem a ferrugem, e os ladrões não furtam nem roubam. Porque onde está o teu tesouro, lá também está teu coração”. Aqui, o texto machadiano substituiu, ironicamente, a segunda parte do preceito bíblico original. Assim, ao invés de ajuntar “[...] para vós tesouros no céu”, o “discípulo do diabo” (capitalista) deveria remeter “[...] os vossos tesouros para algum banco de Londres”. É interessante notar a clara associação crítica que Machado de Assis faz entre o “céu” e a cidade de “Londres” (o centro do capital financeiro internacional da época). Complementarmente, poderíamos imaginar que o texto machadiano faz, implicitamente, outra associação interessante, qual seja, a do o “inferno” com a cidade do “Rio de Janeiro”. Por fim, cabe mencionar a última frase do preceito 19, no qual o Diabo afirma que encontrará com seus fiéis (capitalistas), no dia do Juízo Final, ou seja, do acerto de contas, em algum banco de Londres.

No que tange aos preceitos 21, 23, 26 e 27, a temática principal que os rege é, fundamentalmente, a do embuste, e tem como cenário principal o mercado financeiro. Como dito anteriormente, um dos alvos preferenciais da crítica machadiana é, exatamente, o burguês de fins do século XIX que movimenta seu dinheiro, investe, lucra e vive de suas rendas. Assim, faz todo o sentido entender os “preceitos diabólicos” que visam a orientar o comportamento do capitalista no âmbito de seus negócios acionários.

A alusão mais próxima ao preceito 24 do *Sermão do Diabo* é Mateus 7:18-19, que diz: “Toda árvore que não der bons frutos será cortada e lançada ao fogo. Pelos seus frutos os conhecereis”. Aqui, o texto machadiano inverte, implicitamente, ao dizer que as flores do capital (porcentagens) que não derem boas pétalas (bons ganhos) devem ser “cortadas” para que “[...] brotem mais viçosas e lindas”. Machado parece, aqui, apontar para uma prática recorrente no mercado de capitais, qual seja, a do day-trade (operação realizada na Bolsa de Valores em que o investidor compra e vende um mesmo ativo no mesmo dia).

Por fim, o texto machadiano parece concordar, plenamente, apenas com um dos pontos apresentados por Jesus no Sermão da Montanha: “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará o outro, ou se dedicará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e à riqueza” (Mateus 6:24). O que Machado de Assis parece querer criticar, veementemente, por meio do fragmento o *Sermão do Diabo* é o fato de que o capitalismo (e seus representantes) brasileiro do século XIX fez a sua opção pelo segundo senhor.

Considerações finais

Este artigo teve, como objetivo principal, analisar a forma como Machado de Assis faz uma crítica social irônica do capitalismo brasileiro de fins do século XIX e início do século XX a partir dos contos *A Igreja do Diabo* e *Sermão do Diabo*. Em um plano mais superficial, os contos citados se utilizam de termos que são estranhos ao universo religioso, mas que se aproximam, consideravelmente, do mundo empresarial (“lucros contínuos”, “negócios mais altos”, entre outros). Tal estratégia irônica do texto machadiano parece fazer com que, de alguma forma, o universo religioso seja revelado ao leitor de uma maneira crítica, uma vez que ele é apresentado utilizando-se de uma lógica que não é comum ao seu próprio círculo. Da mesma maneira, a utilização de tais termos pelo personagem do Diabo parece fazer com que ele e o Inferno sejam associados, indiretamente, ao burguês/capitalista e à forma de organização empresarial. É importante dizer que o capitalismo é criticado, aqui, não somente em sua natureza industrial. Machado de Assis parece mirar suas críticas especialmente na direção de um capitalismo de cunho especulativo (financeiro) e imobiliário que se encontrava em crescimento em fins do século XIX no Brasil. Por fim, há, ainda, nos contos, uma forte crítica do autor no que diz respeito às condições da classe trabalhadora (pauperizada, reificada, alienada) e a uma possível subversão (tanto política quanto religiosa) desses trabalhadores por meio de uma revolta.

Referências

ALVES, Naiara da Silva; OLIVEIRA, Rafaela Veríssimo Paim de; IVAN, Maria Eloísa de Souza. Entre o sagrado e o profano: uma leitura do conto “A igreja do diabo” de Machado de Assis. *Revista Eletrônica de Letras*, (on-line), v. 7, n. 7, edição 7, 2014.

ASSIS, Machado de. *A Igreja do Diabo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. (Volume de contos). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

ASSIS, Machado de. *O Sermão do Diabo*. Rio de Janeiro: Garnier, 1884. (Volume de contos). Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf>>. Acesso em: 8 dez. 2022.

BAKTHIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 2010.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução dos originais grego, hebraico e aramaico mediante a versão dos Monges Beneditinos de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Editora Ave-Maria, 2013.

BOSI, Alfredo. Raymundo Faoro leitor de Machado de Assis. *Estudos Avançados*, [s.l.], v. 18, n. 51, 2004.

BRUM, Fernando Machado. *Literatura e religião: estudo das referências religiosas na obra de Machado de Assis*. 2009, 181f. (Dissertação de Mestrado em Literatura

Brasileira), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Campus de Porto Alegre, Porto Alegre, 2009.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

CANTARELA, Antonio Geraldo. Modelos de leitura do diálogo entre religião e literatura. In: CONGRESSO NPTECRE, v. 5, 2015. Anais [...]. [S.l.], 2015.

CHARAUDEAU, Patrick. “Dize-me qual é teu corpus, eu te direi qual é a tua problemática”. *Revista Diadorim* (Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 10, 2011.

CHARAUDEAU, Patrick. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. *Entrepalavras*, [s.l.], v. 7, 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2019.

COUTO, Elvis Paulo. Roberto Schwarz e a crítica social na literatura de Machado de Assis. *Revista Florestan Fernandes*, [s.l.], v. 3, n. 1, 2016.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MAIA, Hélen Suzandrey Borges. A representação do diabo no conto machadiano “A Igreja do Diabo”: sua formação palimpsestica com o Livro de Jó e Fausto de Goethe. In: CONGRESSO ANPTECRE, v. 5, 2015. Anais [...]. [S.l.], 2015.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

NOVA, Vera Casa. *Do sermão do Diabo: o avesso da narrativa*. O Eixo e a Roda, [s.l.], v. 16, 1992.

PEREIRA, Kênia Maria de Almeida. *A poética da resistência em Bento Teixeira e Antônio José da Silva, o Judeu*. São Paulo: Annablume, 1998.

PROENÇA, Paulo Sérgio de. Intertextualidade bíblica e escravidão em Machado de Assis (duas crônicas de maio de 1888). *Revista Estudos Semióticos*, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 77-85, novembro de 2010.

SCHMIDT, Zília Mara Scarpari; SILVA, Edson Rosa da. *A Igreja do Diabo e o discurso do carnaval*. Curitiba: Revista de Letras, 1978.

SILVA, Tiago Ferreira da. A Bíblia às avessas: uma releitura irônica do Gênesis no conto ‘Na arca’, de Machado de Assis. *Revista Exodus: Contos e Recontos*, [s.l.], 2016.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 2004.

Editor responsável: Alfredo Teixeira
Recebido: 29 dez. 2022
Aprovado: 7 jun. 2023

Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais